

ARQUITETURA RELIGIOSA CRISTÃ: UMA INTERFACE ENTRE ESTÉTICA, SEMIÓTICA E CRÍTICA GENÉTICA

VANDA CUNHA ALBIERI NERY
CENTRO UNIVERSITÁRIO DO TRIÂNGULO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA/MG

O objetivo do pôster é refletir sobre o ato de criação na arquitetura no sentido de um processo que expõe as suas possibilidades criativas, destacando os propósitos que permeiam a complexidade desse processo de criação. Parto do pressuposto, defendido por Umberto Eco (1987:193-203), segundo o qual a arquitetura comunica a quem a observa, para que ela serve. Seu principal significado é o seu uso. A igreja que mostra, antes de mais nada, um local de recolhimento, de oração e de contemplação a Deus, significa esta serventia. Denota a sua função primeira, utilitária. Mas a arquitetura também comunica muitas outras coisas, por meio de sua função segunda, simbólica. Ela conota idéias. Comunica, pela ação do arquiteto, filosofias, ideologias, projetos de vida. Como toda obra de arte, retrata o seu autor. O objeto arquitetônico, portanto, é portador de uma mensagem. Carrega consigo um significado, uma função simbólica, um valor estético. O que

nos interessa saber é como esta mensagem é criada? Quais os recursos criativos usados pelo arquiteto para se imprimir um significado, um valor simbólico, a uma obra?

A análise está alicerçada em pressupostos da crítica genética, que nos possibilita surpreender o processo de criação em movimento, não de forma passiva, mas percorrendo os caminhos da criação; tendo a semiótica peirceana como sustentação teórica, levando-se em conta, sobretudo, o movimento do signo gerando signo numa cadeia infinita ou, se preferirmos, o processo de semiose.

Tomo como objeto de análise os documentos em processo do arquiteto e artista plástico italiano Cláudio Pastro, para o seu trabalho de reforma da Catedral de Santa Terezinha, da cidade mineira de Uberlândia, formados por uma série de esboços, contendo indícios verbais e visuais de tudo aquilo que está contido na obra.

A Catedral de Santa Terezinha fica na praça Tuba Vilela, marco do centro da cidade. Começou a ser construída em 1933 e sua inauguração se deu menos de dois anos depois, no final de 1934. Passou pela primeira reforma na metade da década de 60 e, em 1995, pela reforma atual, que procurou modernizá-la mas preservando as marcas do passado.

Percorrendo os rastros processuais de Cláudio Pastro, podemos detectar que o seu processo de criação começa com um intenso trabalho de pesquisa, de onde brotam as idéias iniciais. Estas idéias são testadas no esboço ou nos desenhos de estudo. É aí, no papel, que o arquiteto molda as suas idéias. O risco, o esboço, o desenho de estudo são, em essência, a linguagem que ele usa para conversar consigo próprio ao criar. Seu desempenho de busca no processo de criação é exercido nesse “campo de testagem”. A criação é o seu compromisso de materializar algo que já existe em sua mente e que na experimentação vai sofrendo ajustes. O que ele busca é a solução para a sua proposta, a realização de uma idéia.

Analisando os documentos em processo, percebe-se, claramente, que a correlação que Pastro faz entre o projeto no papel e o objeto construído em três dimensões, a capacidade de imaginar e transpor as duas dimensões do projeto para as três dimensões do espaço, é de tal ordem que todas as formas do objeto se configuram antecipadamente no projeto. Sua estética trata de proporção, equilíbrio, ritmo, volume, espaço, luz e sombra, cheios e vazios. O arquiteto tem o controle da forma no ato de projetar. Domina uma linguagem significativa, geradora de um discurso elaborado através de elementos históricos, culturais, bíblicos, plásticos e estéticos. A busca permanente pelo enriquecimento natural do simbólico. O projetar em torno de temas, de idéias, de símbolos religiosos-cristãos. Isto fica bastante claro no uso das cores, no jogo que se estabelece entre o exterior e o interior da catedral, na racionalidade da estrutura e na linguagem sintética que exprimem, com maestria, todo o simbolismo litúrgico da fé católica.

O resultado de todo o trabalho é uma “nova” catedral que não está fora dos tempos comuns. É isto o que enxergamos nos esboços da fachada que deixam à mostra a tentativa de Pastro de uso de um estilo contemporâneo de projetos arquitetônicos religiosos. Um estilo que “briga” com as linhas horizontais já existentes e predominantes em toda a obra. Um raro momento de indecisão desse arquiteto-criador. E os novos ajustes que surgem a partir destes elementos já existentes.

É um fazer criador e transformador que paulatinamente objetiva a existência da singularidade e da originalidade da obra. Originalidade que encontra-se na unicidade da transformação. As combinações são singulares, uma vez que os elementos selecionados já existiam. A inovação está no modo como são colocados juntos. Apesar do resultado final ser completamente diferente do que já existia, as características da obra original foram todas preservadas. Cones antigos, modernos, arcaicos. Ainda hoje, o espaço está em permanente

mutação. É uma arquitetura em movimento. Um espaço de passagem.

O processo de criação verificado nos documentos de Claudio Pasto deixa transparecer, ainda, uma construção com memória, resgatada dos escritos bíblicos, ressaltando a simplicidade, a singularidade, a clareza e a modernidade. Tudo isso dá leveza e ritmo ao conjunto arquitetural. Suas expressões formais se distinguem pela tendência à horizontalidade no seu todo. Com amplo uso de concreto em execução impecável ele busca a harmonia e o sentido de grandeza, embora oponha-se ao monumental. Na sua criação predomina o senso de ordem, ausência de excesso, pura essência. Janelas escuras, entrada recuada dando-nos a sensação de mistério. Paredes lisas e retas. A cor, o pigmento, operam como uma âncora na história. A cor vem da terra. Nobre. Valorizando a arquitetura. Uma arquitetura como comunicação, como fato social e como prática cultural.

A criação do novo está vinculada ao pré-existente, resgatando valores simbólicos que se perderam. Todos os elementos e signos, arrancados do passado profundo em que jaziam, foram dispostos segundo novas constelações. As coisas retiradas de seu contexto original foram reorganizadas segundo outras e novas funções. Ganham novos significados. É assim que o passado pode ser recuperado como presente. A antiga e a nova estrutura se harmonizam mantendo perfeitamente distintos o caráter e a linguagem de cada uma delas.

Entre o passado e o futuro, a catedral de hoje... Em transição. Num processo de semiose permanente.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ECO, Umberto. (1987). *A Estrutura Ausente: introdução à pesquisa semiológica*. Trad. Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva. (Série: Estudos).